

O papel da linguagem no desenvolvimento infantil: Implicações dos estudos de Liev Semiónovitch Vygotski

Ana Maria Esteves Bortolanzaⁱ (UNIUBE)

Resumo:

O artigo aborda a concepção de linguagem verbal em *Pensamiento y Palabra*, texto de Vygotski (2001) que trata das questões da fala, da escrita e da linguagem interior em suas relações com o pensamento. Neste estudo situa-se a linguagem na ontogênese, na história do indivíduo, e, particularmente, em seu papel no desenvolvimento da criança, em seus primeiros anos de vida. A análise das concepções de fala, linguagem interior e escrita evidencia o papel fundamental que a linguagem humana exerce no desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Desenvolvimento Infantil. Fala, linguagem interior e escrita. Vygotski.

Abstract:

The article deals with verbal language concepts in *Pensamiento Y Palabra*, Vygotski (2001)'s text that addresses oral speech, writing and inner speech issues in their relation with thought. In this study, language is situated in the ontogenesis, in the individual's history, and, particularly, in its role in child development, in the early years of life. The analysis of oral speech, inner speech and writing conceptions put in evidence the crucial role that human language plays in child development.

Keywords: Child development. Oral speech, writing and inner speech. Vygotski.

Inicialmente, Vygotski demonstrou uma grande preocupação com as relações entre linguagem (fala) e pensamento. À vista disso, seus estudos sobre as relações entre linguagem verbal e desenvolvimento do ser humano pautaram-se na descoberta da relação entre o pensamento e a palavra nos estágios iniciais de desenvolvimento ontogenético e filogenético. De acordo com o autor, pensamento e fala (passamos a usar o termo fala para a palavra russa linguagem) são duas funções psíquicas superiores que se originam de forma

independente no individuo, mas estabelecem uma relação intrínseca, conditio sine quα non para a formação da consciência humana.

Vygotski mostra que no desenvolvimento inicial da criança há um período prélinguístico do pensamento e um período pré-intelectual da fala. Entretanto, ainda que sem um vínculo primário entre o pensamento e a fala, uma forma de conexão "[...] surge, muda e cresce durante o desenvolvimento real da relação pensamento e palavra" (VYGOTSKI, 2001, p.287)¹. Nesse sentido, os processos de desenvolvimento do pensamento e da linguagem não são independentes um do outro, ainda que suas trajetórias de desenvolvimento sejam paralelas, ambos se cruzem formando o pensamento verbal.

Uma das metáforas que Vygotski empregou para explicar esses processos e suas relações foi o exemplo da água. Se estudarmos em separado os elementos constituintes da água – hidrogênio e oxigênio –, não teremos como produto final da pesquisa informações sobre ela porque a água é o resultado da reunião desses dois elementos. Para o autor, também o pensamento verbal ou discursivo é um todo que não pode ser separado,

[...] temos tentado substituir a análise do pensamento verbal baseado na decomposição em elementos pelo sistema com base na divisão em unidades, interpretando o último como o produto de análise que, ao contrário de elementos, são os componentes primários, e não sobre a generalidade do fenômeno a ser estudado, mas apenas as suas características e propriedades específicas. Essas unidades, ao contrário dos elementos, não perdem as propriedades inerentes ao todo que devem ser objeto de explicação, mas deve ter em sua forma mais simples e primária essas propriedades do todo que motivaram a análise (VYGOTSKI, 2001, p.288).

Ao enfocar o processo de desenvolvimento do pensamento e da fala, e não o resultado desse processo para compreender como se desenvolvem na criança, tomamos como unidade de análise o significado das palavras, fenômeno do pensamento e da linguagem. Que raízes genéticas são essas?

A pré-história de desenvolvimento do pensamento e da fala não mostra nenhuma relação genética entre ambos. Os estudos de Vygotski (2001) evidenciam que o pensamento e a fala se originam de forma autônoma e independente. Quando bebê, a criança não tem pensamento verbal, isto é, ainda que não fale ela já tem imagens

_

¹ Todas as citações do espanhol foram traduzidas em português pela autora do artigo.

sincréticas como forma embrionária de pensamento. No início de seu desenvolvimento, fala sem pensar e pensa sem palavras, ou seja, imita a fala do adulto e seu pensamento é povoado de imagens indiferenciadas.

Como a criança ainda não desenvolveu o pensamento verbal, ao apropriar-se do significado que está posto nos objetos que começa a explorar, ela precisa ser mediada por uma pessoa mais experiente, pois o significado não está dado no objeto. Inicia-se assim, gradualmente, uma relação a ser estabelecida entre o pensamento e a fala que conflui para o pensamento verbal da criança.

Temos empreendido nossa investigação com o propósito de descobrir a relação existente entre o pensamento e a palavra nas primeiras etapas do desenvolvimento filogenético e ontogenético. Temos encontrado que no começo do desenvolvimento do pensamento e da palavra, período préhistórico na existência do pensamento e da linguagem, não há relações específicas, nem nenhum gênero de dependência entre suas raízes genéticas. (VYGOTSKI, 2001, p.287).

O significado é, portanto, um fenômeno tanto do pensamento quanto da fala. A superação do desenvolvimento paralelo dessas duas funções psíquicas superiores se dá quando a criança alcança o significado que constitui uma unidade indecomponível em seu desenvolvimento. As palavras vão ganhando vida com o significado que alimenta o pensamento verbal da criança.

Nesse movimento entre pensamento e fala, o significado habita o pensamento na medida em que se liga à palavra e nela se realiza, tornando-se um fenômeno do pensamento verbal. Por outro lado, a fala não é uma tradução do pensamento, pois quando o pensamento se realiza na palavra já é pensamento verbal. Nesse encontro entre pensamento e fala, temos o nascimento da palavra com significado e com múltiplas possibilidades de atribuição de sentidos por seus locutores.

Vygotski (2001, p. 289) explica que:

O significado da palavra é um fenômeno do pensamento só na medida em que o pensamento está ligado à palavra encarnada nela e vice-versa, é um fenômeno da linguagem só na medida em que a linguagem está ligada ao pensamento e iluminado por ele. A palavra com sentido é um fenômeno do pensamento verbal, é a unidade do pensamento e da palavra.

No desenvolvimento da linguagem infantil há um movimento independente e até paradoxal entre as esferas semântica e fonética, um processo de domínio do aspecto fásico da linguagem verbal em que a criança fala das partes para o todo, contrariamente, à esfera semântica vai do todo para as partes.

De acordo com Vygotski (2001, p. 297) a criança desenvolve a fala,

[...] partindo de uma palavra, o encadeamento desta a duas ou três palavras, passando a uma frase simples e depois encadeando frases, passando depois a orações compostas e a linguagem coerente constituída por uma serie abrangente de orações.

Nesse aparente descompasso, a criança apropria-se do aspecto fásico da linguagem e também apreende os significados, num movimento pendular que vai das partes – palavras isoladas – para chegar à composição de frases coerentes com o significado que pretende expressar.

O aparente descompasso é na verdade um movimento dialético no processo de desenvolvimento do pensamento verbal. Vygotski (2001, p. 297) esclarece que:

[...] a primeira palavra da criança, representada por seu significado [é] uma frase completa, uma frase de apenas uma palavra. No desenvolvimento do aspecto semântico da linguagem, a criança começa pelo todo, pela oração, e só depois passa a dominar as diferentes unidades semânticas, os significados de cada palavra, dividindo seu pensamento aglutinado, expressado em uma oração de uma única palavra, em uma série de significados verbais isolados ligados uns aos outros.

A fala infantil não tem como função expressar o pensamento puro que se reestrutura modificando ao se transformar em linguagem oral. No percurso do pensamento até se transformar em linguagem ocorrem mudanças visíveis na expressão verbal da criança que vão se adequando gramaticalmente e tornando-se mais elaborada.

O uso das palavras, frases, parágrafos, textos em consonância com as regras gramaticais não significa que a criança faça uso conscientemente, embora ela, cada vez mais, empregue os signos sonoros de forma adequada, isto é, internalize a gramática da fala de forma espontânea. "A criança percebe a palavra e sua estrutura fonética, como parte do objeto, como sua propriedade inerente de outras propriedades. [...] fenômeno característico da consciência linguística primitiva." (VYGOTSKI, 2001, p. 301). Para a criança, a estrutura fonética da linguagem oral que começa a dominar é parte dos objetos.

A superação dessa fase inicial, em que os signos sonoros fazem parte do objeto, se dá na medida em que os significados tornam viva a palavra e possibilitam à criança expressar-se coerentemente empregando a fala em sua complexidade semântica e gramatical. Vygotski afirma que, "ao longo do desenvolvimento, esta diferenciação se produz na medida em que se desenvolve a generalização" (2001, p. 304).

O significado da palavra como fenômeno verbal e intelectual

Os fundamentos psicológicos da linguagem verbal, na perspectiva histórico-cultural, avançaram os estudos sobre o pensamento e a fala. Com Vygotski, descobrimos que o significado da palavra é um fenômeno da fala e ao mesmo tempo do pensamento. Para o autor,

[...] os significados das palavras evoluem. A descoberta de mudanças nos significados das palavras e seu desenvolvimento é o novo e essencial que levou nossa investigação ao conhecimento sobre o pensamento e a linguagem. Esta descoberta é o mais importante e nos permite pela primeira vez superar definitivamente o postulado da constância e invariabilidade do significado da palavra, fundamento das teorias anteriores do pensamento e da linguagem. (VYGOTSKI, 2001, p.289).

No início do desenvolvimento da fala, a criança se expressa oralmente apenas diante dos objetos, seu entendimento é que a palavra está no objeto como parte dele. O significado vai sendo construído do todo para as partes enquanto a fala segue seu percurso das partes para o todo. É assim que se começa a aprender a falar até perceber que a palavra não é uma qualidade do objeto, materialmente encarnada nele.

Podemos então afirmar com Vygotski:

A investigação mostra que o aspecto interno, com sentido, semântico da linguagem e o externo, o aspecto sonoro, fásico, forma uma autêntica unidade, cada um deles tem suas próprias leis de movimento. A unidade da linguagem é complexa, mas não uma unidade homogênea. A existência de um movimento próprio nos aspectos semântico e fásico da linguagem põe de manifesto ante toda uma série de fatos que se referem ao campo de desenvolvimento verbal da criança. (VYGOTSKI, 2001, p.297).

A unidade do pensamento verbal se forma à medida que a criança, gradualmente, toma consciência dos significados verbais, assim os planos semântico e fásico formam o

pensamento verbal, contudo as funções psíquicas do pensamento e da fala mantém-se autônomas e independentes.

[...] a palavra representa para a criança uma unidade direta, indiferenciada e não consciente. Uma das linhas mais importantes do desenvolvimento da linguagem da criança consiste precisamente em que essa unidade começa a diferenciar-se e a ser consciente. Portanto, no princípio do desenvolvimento se produz a fusão dos dois planos da linguagem e sua divisão paulatina, de modo que a distância entre eles aumenta com a idade. [...] Se temos em conta o que temos dito no princípio de nossa investigação sobre a função comunicativa dos significados, estará claro que a comunicação da criança com ajuda da linguagem guarda uma relação direta com a diferenciação e a tomada de consciência dos significados verbais em sua linguagem. (VYGOTSKI, 2001, p.303).

À proporção que os planos semântico e fásico da linguagem se desenvolvem, a sintaxe do pensamento infantil se ajusta à sintaxe das palavras: nasce a generalização na criança. Ela não diferencia o significado verbal e o objeto nem o significado do signo sonoro. A diferenciação se origina quando desenvolve a generalização, processo em que forma os conceitos abstratos no final de seu desenvolvimento, chamados por Vygotski de conceitos verdadeiros, que surgem com as complexas relações entre os diferentes planos da linguagem. "Esta diferenciação dos dois planos da linguagem, que cresce com os anos, é acompanhada também pelo curso evolutivo do pensamento quando a sintaxe dos significados se transforma em sintaxe das palavras". (VYGOTSKI, 2001, p.304).

O significado da palavra socialmente construído goza de certa estabilidade, condição para que a criança se comunique. Entretanto é apenas uma base para a construção dos sentidos que se multiplicam no processo de apropriação dos significados pela criança como usuária de uma língua. Ao tratar das características do plano semântico, Vygotski levanta três características fundamentais,

[...] relacionadas internamente entre si, que determinam a peculiaridade semântica da linguagem interna. A primeira consiste na preponderância do sentido da palavra sobre seu significado. [...] o sentido da palavra é sempre uma formação dinâmica, variável e complexa, que tem várias zonas de estabilidade diferente. O significado é só uma dessas zonas do sentido, a mais estável, coerente e precisa. A palavra adquire seu sentido em seu contexto e, como é sabido, muda de sentido em contextos diferentes. Pelo contrário, o significado permanece invariável e estável em todas as mudanças de sentido da palavra em distintos contextos. (VYGOTSKI, 2001, p. 333).

À vista disso, o significado da palavra é uma espécie de vestimenta que dá visibilidade ao(s) sentido(s). Para Vygotski (2001, p. 333) "A palavra em sua singularidade tem só um significado, porém este significado não é mais que uma potência que se realiza na linguagem viva e na qual este significado é tão só uma pedra no edifício do sentido" Como a fala não dá conta de expressar o pensamento puro, o significado de uma palavra nunca abrange a totalidade do pensamento, a função do significado estabelece uma espécie de ponte entre o pensamento da criança ainda não verbalizado e seu interlocutor que, do outro lado da ponte, toma conhecimento.

O pensamento não só está mediado externamente pelos signos, internamente está mediado pelos significados. O fato é que a comunicação direta entre consciências é impossível tanto física como psicologicamente. Só se alcança através de um caminho indireto, mediado. Esse caminho consiste na mediação interna de pensamento, primeiro pelos significados e logo pelas palavras. O pensamento nunca equivale ao significado direto das palavras. O significado medeia o pensamento em seu caminho até a expressão verbal, quer dizer, o caminho do pensamento à palavra é um caminho indireto e mediado internamente. (VYGOTSKI, 2001, p. 342).

Não havendo a possibilidade de estabelecer um diálogo a partir do pensamento puro na comunicação, a criança precisa fazer a mediação do pensamento puro para o pensamento verbal, processo esse que se realiza internamente, em que o pensamento puro é mediado pelo significado da palavra. Igualmente, os significados são mediados pelos signos sonoros e gráficos, o que torna possível a realização do pensamento na fala ou na escrita.

Vygotski (2001, p. 288-289) explica que:

[...] o significado da palavra [...] é a unidade de ambos os processos, que não admite mais decomposição e sobre o qual não pode se dizer que representa: um fenômeno da linguagem ou do pensamento. Uma palavra sem significado não é uma palavra, é um som vazio. Por conseguinte, o significado é um traço necessário, constitutivo da própria palavra. O significado é a própria palavra vista a partir de seu aspecto interior.

O autor conclui que generalização e significado são sinônimos, assim a formação de um conceito "[...] se constitui no ato mais específico, mais genuíno e indubitável do pensamento. Por conseguinte, consideramos o significado da palavra como um fenômeno

do pensamento". (VIGOTSKI, 2001, p.289). No desenvolvimento do pensamento verbal, o autor mostra que o significado da palavra evolui e se constitui uma unidade indecomponível do pensamento e da fala.

Ao superar as teses sobre a imutabilidade e constância do significado das palavras, Vygotski destaca que "[...] a palavra não é permanente, evolui no desenvolvimento da criança. Varia também ao mudar as formas de funcionamento do pensamento. Não é uma formação estática, mas dinâmica" (VYGOTSKI, 2001, p.295). Os resultados das investigações do autor mostram que o significado é uma generalização que está contida no pensamento e na linguagem e que o significado da palavra evolui no desenvolvimento da criança.

No estudo transversal efetuado por Vygotski, com o intuito de compreender a mutabilidade e a dinâmica entre o pensamento e a fala, faz-se necessário explicar esse processo passando do plano genético ao funcional, de forma a esboçarmos o funcionamento dos significados no discurso vivo do pensamento verbal, pois:

[...] em cada fase do desenvolvimento não há apenas uma estrutura especial do pensamento verbal, mas também uma relação característica especial entre pensamento e linguagem determinada por essa estrutura. Como é conhecido, os problemas funcionais são facilmente resolvidos quando a investigação se ocupa das formas superiores desenvolvidas de uma atividade em que toda a dificuldade da estrutura funcional é apresentada dividida e madura. (VYGOTSKI, 2001, p.296).

Vygotski recorre a Tolstoi, para quem "[...] a relação entre palavra e pensamento e a formação de novos conceitos constitui um complicado, misterioso e delicado processo da alma" (VIGOTSKI, 2001, p.295). Desse modo, apontar a mudança de significado da palavra significa também mostrar a mudança na relação entre a fala e o pensamento no desenvolvimento infantil.

De acordo com Vygotski (2001, p. 296),

À luz da análise psicológica, esta relação aparece como um processo em desenvolvimento, que passa por uma série de fases e estágios, por meio dos quais experimenta as mudanças próprias do desenvolvimento. Não se trata de um desenvolvimento relacionado à idade, mas de uma mudança funcional, mas essa evolução do próprio processo do pensamento à palavra é desenvolvimento. O pensamento não se manifesta na palavra, mas culmina nela. (VYGOTSKI, 2001, p.296).

A mudança de significado acarreta mudança também na relação entre o pensamento e a fala, num fluxo de pensamento que ocorre como um movimento interno, em uma série de planos, cuja característica comum é o fato de que a unidade da linguagem embora complexa não é homogênea. É esse movimento entre as esferas semântica e fonética que constitui um indício de desenvolvimento da criança, pois a mudança de significado da palavra demonstra que ela está se apropriando da cultura por meio da generalização.

A unidade do pensamento verbalizado no desenvolvimento infantil

Ainda que se desenvolvam em sentidos contrários, a fala mantém sua relação com o pensamento, assim como o pensamento se relaciona com a linguagem. O desenvolvimento da fala da criança se produz por meio da diferenciação dos aspectos semântico e fásico, o que não impede que se forme a unidade do pensamento verbal. Para Vygotski (2001, p. 297-298),

Isto não significa uma ruptura entre ambos os planos, nem a autonomia e independência de um com respeito ao outro. Pelo contrário a diferenciação de ambos planos constitui o primeiro passo necessário para estabelecer sua unidade interna. Sua unidade pressupõe a existência de um movimento próprio em cada um dos seus aspectos da linguagem e a existência de complexas relações entre a evolução de um e de outro.

O caminho do pensamento à fala, por suas características diversas, revela a contradição entre as duas unidades do pensamento verbal: o pensamento puro ao expressar-se pela palavra já não é mais pensamento puro. Nesse percurso, reestrutura-se para que possa se expressar em palavras, formando a unidade do pensamento verbal. Pensamento e fala acabam se encontrando dialeticamente em estágios mais evoluídos pensamento verbal.

O pensamento e a palavra não estão definidos pelo mesmo padrão. Em certo sentido, existe entre eles mais contradição do que concordância. A estrutura da linguagem não é o simples reflexo especular da estrutura do pensamento. Por isso o pensamento não pode usar a linguagem como um traje à medida. A linguagem não expressa o pensamento puro. O pensamento se reestrutura e se modifica ao transformar-se em linguagem.

O pensamento não se expressa na palavra, mas se realiza nela. Por isso, os processos de desenvolvimento dos aspectos semântico e verbal da linguagem, dirigidos em sentido contrário, constituem em essência um só, graças precisamente a suas direções opostas. (VYGOTSKI, 2001, p.298).

Para o desenvolvimento dessa etapa da linguagem infantil, a imitação é necessária. O movimento se faz preciso porque a gramática do pensamento começa a se desenvolver, diferenciando-se cada vez mais da gramática da fala. Pode-se dizer que é sujeito na gramática do pensamento não corresponde ao sujeito na fala.

Segundo Vygotski (2001, p. 298):

O desenvolvimento da gramática precede ao da lógica. A criança em idade escolar, que utiliza correta e adequadamente na linguagem espontânea e nas situações oportunas as conjunções que expressam dependências causais, consecutivas, temporais, adversativas, condicionais e outras, não toma consciência, todavia, do significado dessas conjunções e não é capaz de utilizá-las voluntariamente. Isso significa que a evolução do aspecto semântico e fásico da palavra não coincide no desenvolvimento do domínio das estruturas sintáticas complexas.

Pensamento e fala entram em contradição em uma mesma unidade. Essas contradições, contraditoriamente, geram as condições necessárias para que o pensamento se realize na palavra, materializando-se na palavra como pensamento verbal.

[...] a falta de coincidência entre os aspectos fásico e semântico da linguagem; ao mesmo tempo, põem de manifesto que essa falta de coincidência não só não exclui a unidade de um e de outro, pelo contrário, pressupõe necessariamente essa unidade. Porque essa falta de coincidência não só não impede que o pensamento se realize na palavra, mas constitui a condição necessária para que o passo do pensamento à palavra possa se realizar. (VYGOTSKI, 2001, p.300-301).

Vygotski observou, ao pesquisar o movimento da gramática do pensamento em direção à gramática da fala o que havia sido apontado pela velha psicologia. Foi necessário então analisar cada etapa do caminho por que passa o pensamento em direção à fala. Em suas investigações, o autor salientou o plano interno da linguagem e suas particularidades em plena função. Tal metodologia possibilitou inferir que nada é estático no desenvolvimento da fala: de um lado, o pensamento tem que se reestruturar para se realizar-se na palavra, enquanto o significado evolui no desenvolvimento da fala.

Ao tentamos fazer um resumo do que nos proporcionou a análise dos planos da linguagem, se pode dizer que a falta de coincidência desses planos, a existência de um segundo plano, interno, da linguagem que por trás das palavras, a independência da gramática do pensamento da sintaxe das expressões verbais nos obriga a ver na mais sensível manifestação verbal, não a relação dada de uma vez para sempre, imóvel e constante entre os aspectos semântico e sonoro da linguagem, mas o movimento, a transição da sintaxe dos significados à sintaxe verbal, a transformação da gramática do pensamento na gramática das palavras, a modificação da estrutura semântica quando se encarna nas palavras. (VYGOTSKI, 2001, p. 301).

Nesse sentido, a expressão verbal sonora na linguagem não é resultado imediato da sintaxe semântica ou da sintaxe do pensamento, assim como a expressão verbal não vem subsequente ao pensamento, há uma transição entre uma e outra. "Se os aspectos fásico e semântico da linguagem não coincidem, é evidente que a expressão verbal plena não pode ser imediata, já que a sintaxe semântica e a verbal não surgem, como temos visto, simultânea e conjuntamente [...]". Por essa razão é necessária a transição em um "[...] complexo processo de transição dos significados aos sons [que] evolui e constitui uma das linhas fundamentais de desenvolvimento do pensamento verbal. (VYGOTSKI, 2001, p.301-302).

A linguagem interna como prolongamento da linguagem egocêntrica

Por detrás do plano semântico, está a linguagem interna caracterizada por sua predicatividade. O desenvolvimento da linguagem interna, de acordo com Vygotski (2001), mostra que a linguagem egocêntrica não morre como explanou Piaget (1978), evolui para a linguagem interna — linguagem intermediária — que se situa entre a linguagem oral e a linguagem escrita.

O plano semântico da fala é somente o início e primeiro de todos seus planos internos. Atrás dele, se abre ao investigador o plano da linguagem interna. Sem compreender acertadamente sua natureza psicológica não existe nem pode existir possibilidade alguma de esclarecer a relação entre o pensamento e a palavra em sua verdadeira complexidade. (VYGOTSKI, 2001, p.304).

A criança pode falar consigo mesma porque há uma linguagem externa por meio da qual ela fala para/com o outro.

A interpretação correta da linguagem interna deverá partir de que a linguagem interna é uma formação especial quanto a sua natureza psicológica, uma forma especial de atividade verbal, com suas próprias características e que mantém uma complexa relação com outras formas de atividade verbal. [...] Acreditamos que não é indiferente se o indivíduo fala consigo mesmo e fala para os outros. A linguagem interna é a linguagem para si mesmo. A linguagem externa é a linguagem para os demais. Não se pode admitir que esta diferença radical e fundamental entre as funções de uma e outra linguagem possa ter consequências na natureza estrutural de ambas funções verbais. (VYGOTSKI, 2001, p.306).

Diferentemente da explicação de Piaget (1978), Vygotski mostra que linguagem egocêntrica evolui e se transforma em linguagem interna até o final da idade pré-escolar. A criança começa a perceber que pode falar para si mesma e passa a ter uma nova relação com a palavra, visto que começa a usá-la para pensar antes de se expressar pela linguagem. A transformação da linguagem egocêntrica em linguagem interna tem como consequência uma nova relação: uma linguagem para si e uma linguagem para o outro.

[...] na entrada da idade escolar a linguagem egocêntrica não desaparece, mas se converte na linguagem interna. Esta nova hipótese de trabalho sobre a estrutura, a função e o destino da linguagem egocêntrica nos permitiu não só reestruturar de forma radical toda a teoria da linguagem egocêntrica, mas também entramos na questão da natureza da linguagem interna. (VYGOTSKI, 2001, p.308).

Essa característica da linguagem egocêntrica faz dela ponte entre as funções interpsíquicas (entre os indivíduos) para as intrapsíquicas (para si mesmo). Ainda imatura, a criança precisa da linguagem egocêntrica para mobilizar a expressão verbal externa o plano interno. Por isso, podemos afirmar que ela é a transição da "[...] forma de atividade social coletiva da criança para suas funções individuais". No movimento da linguagem egocêntrica para a linguagem interna, o "[...] desenvolvimento das funções psíquicas, que surgem inicialmente como formas de atividade em colaboração [...] são transferidas para a esfera das formas psíquicas de atividade da criança" (VYGOTSKI, 2001, p.309-310).

À medida que a atividade interpsíquica da criança impulsiona o desenvolvimento de suas funções psíquicas superiores, a linguagem egocêntrica evolui e se torna linguagem interna. A linguagem interna nasce então na relação entre linguagem socializada e linguagem egocêntrica, conforme explica Vygotski (2001, p. 319):

A linguagem da criança é psicologicamente egocêntrica nos aspectos funcional e estrutural, quer dizer, subjetivamente é uma forma de linguagem especial e independente; no entanto, não é completa, já que, embora seja subjetiva quanto à sua natureza psicológica, a criança não toma consciência dela como uma linguagem interna e não a diferencia da linguagem para os demais. Objetivamente também difere da linguagem socializada, porém de novo não por completo, já que só se manifesta em uma situação onde seja possível a linguagem socializada. Em consequência, tanto subjetiva como objetivamente, a linguagem egocêntrica é uma forma mista, transitória, entre a linguagem para os outros e a linguagem para si mesmo. Por certo que — e essa é a tendência fundamental no desenvolvimento da linguagem interna — a linguagem para si mesmo, a linguagem interna, se interioriza antes no referido a sua função e a sua estrutura, a dizer, sua natureza psicológica, em quanto respeita a suas formas externas de manifestação.

A linguagem interna possui características particulares em relação à sintaxe, e constitui uma unidade dialética junto à linguagem externa, seja ela oral ou escrita. Na comunicação entre as duas, pontuada por um movimento dialético, há contradições e ambas constituem uma unidade dinâmica e inseparável. Em relação à linguagem externa, a linguagem interna é predicativa, a criança fala para si de maneira aparentemente fragmentada e reduzida, em contraste com a linguagem externa. A linguagem interna aparentemente não é coerente, não podendo ser reconhecida e compreendida pelo outro.

Ao estudar a sintaxe da linguagem interna na linguagem egocêntrica da criança, nos demos conta de uma característica essencial que demonstra uma indubitável tendência dinâmica de crescimento, à medida que a linguagem egocêntrica se desenvolve. Esta característica consiste na aparente fragmentação e redução da linguagem interna em comparação com a linguagem externa. [...] A linguagem interna, mesmo que pudéssemos gravá-la, esta seria abreviada, fragmentada, incoerente, irreconhecível e incompreensível em comparação com a linguagem externa. (VYGOTSKI, 2001, p. 320).

Esse caráter predicativo da linguagem interna constitui sua forma sintática fundamental. Assim sendo, mesmo que fosse possível gravar a linguagem interna, ela não seria compreensível para o outro, já que sua função não é a comunicação com o outro como na linguagem externa. Por ser fundamentalmente uma linguagem para si, a linguagem

interna é formada por significados que resultam da apropriação de cada indivíduo, somando-se a isso seu caráter predicativo, o que a torna ainda mais incompreensível para o outro.

Segundo Vygotski (2001, p. 321):

[...] a tendência à predicação da sintaxe da linguagem interna se manifestou em todos nossos experimentos com uma claridade e uma regularidade enormes, quase sem exceções. Extrapolando esses dados, devemos supor que o caráter predicativo puro e absoluto é igualmente a forma sintática fundamental da linguagem interna. (VYGOTSKI, 2001, p. 321).

O significado se subordina na linguagem interna ao sentido que predomina sobre o significado e sobre a sintaxe do pensamento, estabelecendo uma relação entre o significado e a palavra na qual o pensamento se realiza. "Na linguagem interna, o predomínio do sentido sobre o significado, da frase sobre a palavra e do contexto sobre a frase não é uma exceção, mas uma norma geral" (VYGOTSKI, 2001, p. 333).

Guardadas as diferenças entre a linguagem interna e a externa, a sintaxe da linguagem interna é reestruturada na linguagem externa, sendo que o movimento de transição de uma para outra é um complexo processo de transformação dinâmica de uma linguagem reduzida e fragmentada para uma linguagem articulada e compreensível para os outros.

[...] a transição da linguagem interna à externa não é a tradução direta de uma linguagem à outra, nem a simples união de som com a linguagem silenciosa, nem a mera vocalização da linguagem interna, senão a reestruturação dessa linguagem, a transformação de sua sintaxe absolutamente própria e peculiar, a substituição da estrutura semântica e fonética da linguagem interna pelas estruturas próprias da linguagem externa. Do mesmo modo que a linguagem interna não é linguagem oral sem som, a linguagem externa não é linguagem com som. A transição da linguagem interna ao externo é uma complicada transformação dinâmica, a transformação de uma linguagem predicativa e idiomática em uma linguagem sintaticamente articulada e inteligível para os demais. (VYGOTSKI, 2001, p. 338-339).

Em relação ao pensamento e à fala, a linguagem interior é uma formação especial em sua natureza psicológica e atividade verbal, em função de suas próprias características. Como uma linguagem para si, mantém uma relação complexa com a linguagem para o outro e em função dessa diferença passa por um processo de evaporação ao se transformar

em pensamento. Em contrapartida, a linguagem externa como tradução, materialização e objetivação do pensamento em palavras constitui uma linguagem para os outros. Em função de tais características, no desenvolvimento da criança "[...] a estrutura interna da língua irá se diferenciar quanto a estrutura da linguagem exterior" (VYGOTSKI, 2001, p. 307).

Vygotski chama-nos a atenção para o fato de a linguagem egocêntrica não desempenhar um papel fundamental no desenvolvimento da criança. Explica o autor que:

[...] a função da linguagem egocêntrica não pode ser outra que a de um simples acompanhamento na melodia principal da atividade infantil, sem alterar nada nessa melodia. Trata-se mais de um fenômeno concomitante do que um fenômeno de importância funcional independente. Esta linguagem não desempenha função alguma no comportamento, nem no pensamento da criança. (VYGOTSKI, 2001, p.309).

A linguagem egocêntrica, apenas, acompanha a atividade da criança e a orienta em seus objetivos, auxiliando-a na superação de obstáculos e dificuldades. Vista como uma linguagem interior por sua função psicológica e exterior por sua estrutura, desenvolve-se e se transforma em linguagem interior. Seus aspectos vocais desaparecem em torno de três e sete anos. A idade escolar marca o momento em que a linguagem interior começa a se desenvolver, ao mesmo tempo, a linguagem egocêntrica desaparece, evidenciando que o desenvolvimento da linguagem interior se origina do enfraquecimento do componente sonoro, até se silenciar na linguagem interna.

Esse movimento se dá "[...] passando da linguagem externa ao murmúrio e deste a linguagem muda se não como consequência de sua diferenciação funcional e estrutural da linguagem externa, passando desta à egocêntrica e desta à linguagem interna". (VYGOTSKI, 2001, p.313). Entre os fenômenos analisados por Vygotski está a ilusão que a criança tem de ser compreendida no monólogo coletivo e sua vocalização que consiste a linguagem egocêntrica. Esses fenômenos influenciam diretamente a produção da fala egocêntrica na criança.

Para Vygotski (2001, p. 318):

[...] a exclusão destas características da linguagem, para si mesmo e para os que se aproximam pela linguagem, conduz inevitavelmente a redução da linguagem egocêntrica. Isto nos permite chegar a conclusão de que a

linguagem egocêntrica da criança se constitui uma forma especial de linguagem, já diferenciada nos aspectos funcional e estrutural, por cuja manifestação coincide com a linguagem social a partir do qual surgiu e se desenvolveu. (VYGOTSKI, 2001, p. 318).

Com base nos resultados obtidos por meio da análise genética, Vygotski conclui que se conseguíssemos gravar a linguagem interior, nos daríamos conta de quanto é desconexa, abreviada e incompreensível. Já na linguagem egocêntrica ocorre um fenômeno parecido, expresso pela tendência da criança à abreviação, a criança privilegia o predicado em detrimento do sujeito e das palavras relacionadas a ele. Essa tendência se configura como uma forma básica de estruturação das frases verificada posteriormente na linguagem interior.

Para Vygotski, ao tratar sobre as formas dialógica e monológica de discurso, distingue a escrita e a linguagem interna em comparação à fala, afirmando que as duas primeiras são formas monológicas de linguagem. A fala constitui-se em um diálogo, pois seus interlocutores dominam o assunto tornando possível sua expressão de forma abreviada, acrescida de auxílio da percepção visual como expressões faciais, gestos, ou mesmo o tom de voz. Essas formas auxiliares de comunicação não estão à disposição da criança na escrita e por isso o autor a caracteriza como monológica. Segundo Vygotski (2010, p. 326-327), "Na escrita, é necessário transmitir em palavras o que no discurso oral se é transmite com a ajuda da entonação e da percepção direta da situação. O diálogo é uma linguagem composta por réplicas, é uma cadeia de reações".

Nesse sentido, a complexidade composicional da escrita induz a criança a apropriarse dela mais lenta e conscientemente. O planejamento da escrita, ainda que seja um rascunho em pensamento, reproduz a evolução do processo mental até a cópia final, tendo papel fundamental na comunicação entre os interlocutores. "Mesmo sem rascunho material, a reflexão prévia é uma linguagem muito importante na linguagem escrita: com muita frequência dizemos a nós mesmos em primeiro lugar e, em seguida, escrevemos; neste caso há um rascunho mental" (VYGOTSKI, 2001, p.328).

Entendemos que o rascunho é uma ação de dizer a si mesmo o que se quer expressar por palavras escritas. Nesse sentido, o rascunho mental pode ser considerado como uma ação da linguagem interior, diferentemente da escrita que é constituída por predicados desdobrados e sujeitos. Em contrapartida, ser constituído somente de predicados em

detrimento dos sujeitos em uma oração é uma característica fundamental da linguagem interior.

O processo de apropriação da linguagem escrita

Entre os sete e oito anos de idade, a criança começa também aprender a escrever. Em função de a escrita ser muito complexa, a criança tem uma involução em relação à fala, como se ela tivesse apenas dois anos de idade comparado ao seu estágio atual de falante. Isso se dá porque na escrita, como os interlocutores se encontram em situações diferentes, faz-se necessário a utilização de uma sintaxe muito mais complexa e desdobrada. Dessa forma, a escrita requer que a criança faça uso da pontuação, acentuação, concordância verbal, entre outras ferramentas da gramática e ortografia da escrita.

Na linguagem escrita os interlocutores se encontram em situações diferentes, o que excluí a possibilidade de compartilhar um mesmo sujeito temático em seu pensamento. Por isso, a linguagem escrita constitui, em comparação com a linguagem oral, uma forma de linguagem mais desenvolvida e sintaticamente mais complexa; para expressar para uma mesma ideia requer muitas mais palavras que na linguagem oral. (VYGOTSKI, 2001, p. 324).

A escrita tem um caráter de linguagem monológica, parte do princípio da singularidade, pois nela o indivíduo fala para si para depois falar para o outro. Isso se verifica pelo uso de mais palavras para expressar o que se está pensando. Dessa forma, os rascunhos que precedem a escrita favorecem sua organização e seu desenvolvimento.

A unidade do pensamento verbal

O pensamento está sempre em movimento. Isso ocorre porque o pensamento e a fala têm sintaxes diferentes e estão ligados entre si por transições e transformações. Ao mesmo tempo em que suas contradições impedem sua fusão completa, dialeticamente suas contradições formam a unidade do pensamento verbal.

Já temos dito que todo pensamento tende a unir algo com algo, tem movimento, corrente, desenvolvimento, cria uma relação entre algo e algo,

cumpre uma função, faz uma tarefa, resolve um problema. Esta corrente, este fluir do pensamento não se corresponde de forma direta e imediata com o desdobramento da linguagem. As unidades do pensamento e as unidades da linguagem não coincidem. Ambos processos descobrem sua unidade, porém não sua identidade. Estão ligados entre si por complexas transições e transformações, porém não se confundem um com o outro como duas linhas restas superpostas. [...] o pensamento não coincide diretamente com a expressão verbal. O pensamento não está composto por unidades separadas como acontece com a linguagem. Se quero comunicar o pensamento "Hoje vi como uma criança com blusa azul e descalça corria pela rua", não vejo separado a criança que corre, os pés sem sapatos, a blusa e a cor azul. Concebo o conjunto em um único ato de pensamento, porém na linguagem a decomponho em palavras distintas. (VYGOTSKI, 2001, p. 339-341).

Por sua simplicidade sintática, o pensamento tem em si as imagens mentais que na sintaxe da fala são expressas de forma separada e ordenada. A metáfora empregada por Vygotski mostra que tal como a nuvem de chuva condensa a água evaporada no contexto, a nuvem retém em si a água (a fala é um todo indivisível), enquanto a linguagem interna devolve a mesma água ao contexto, porém dessa vez gota por gota, ou seja, para a linguagem externa.

O pensamento representa sempre um todo mais extenso e volumoso que uma só palavra. Com frequência, o falante necessita de vários minutos para expressar uma ideia. Em sua mente, esse pensamento está presente como um todo, não como uma sucessão de unidades soltas, como se desenvolve em sua fala. O conteúdo simultâneo no pensamento se desdobra em forma sucessiva na linguagem. Cabe comparar o pensamento com uma densa nuvem que descarrega uma chuva de palavras. (VYGOTSKI, 2001, p. 341).

Como o pensamento puro, ao se materializar na palavra por meio do significado deixa de ser pensamento puro, há sempre um subtexto, uma intenção oculta na escrita da criança. Isso se dá pela diferença de sintaxe do pensamento e da fala e, principalmente, pela fala não expressar o pensamento em sua totalidade.

O processo de transição do pensamento à linguagem implica em um complexo processo de decomposição do pensamento e de recomposição em palavras. Precisamente porque o pensamento não coincide com a palavra, nem tão pouco com os significados das palavras em que se manifestam, o caminho do pensamento à palavra passa pelo significado. Na nossa linguagem há sempre uma segunda intenção, um subtexto oculto. Como a transição direta do pensamento à palavra é impossível e exige sempre iniciar um caminho complexo, são frequentes os lamentos

sobre a imperfeição da palavra e o inefável do pensamento. (VYGOTSKI, 2001, p. 341)

Apesar das diferenças entre as sintaxes do pensamento e da fala, na atividade prática, a criança apropria-se da linguagem como instrumento semiótico e se humaniza. Isso ocorre porque pela fala torna possível mergulhar no mundo da cultura e, gradualmente, tomar consciência de sua individualidade. O processo de apropriação da linguagem verbal, portanto, realiza-se tanto para si quanto para o outro na sociedade humana. Na prática, a linguagem verbal é a própria consciência, segundo Vygotski (2001, p. 36):

[...] se a linguagem é tão antiga como a consciência, se a linguagem é a consciência que existe na prática para os demais e, por consequência, para mim mesmo, é evidente que a palavra tem um papel destacado não só no desenvolvimento do pensamento, mas também no do desenvolvimento da consciência em seu conjunto.

Sem se apropriar da fala, construída socialmente, a criança não desenvolve a sua individualidade, nem pode se apropriar devidamente da cultura humana. A linguagem é, portanto, instrumento fundamental em seu processo de humanização.

O papel da motivação na origem do pensamento

Uma esfera afetivo-volitiva move a criança. Afetada pelas emoções, interesses, impulso, necessidade, ela se desenvolve. Podemos dizer que o pensamento não se desenvolveria sem o afetivo/volitivo. De acordo com Vygotski (2001, p. 342):

O pensamento não é a última instância neste processo. O pensamento não nasce de si mesmo nem de outros pensamentos, mas da esfera motivacional de nossa consciência, cobrindo nossas inclinações e nossas necessidades, nossos interesses e impulsos, nossos afetos e emoções. Por trás de cada pensamento há uma tendência afetivo-volitiva.

Por trás da origem do pensamento existe, portanto, a esfera afeto-volitiva. Em razão de a palavra não expressar o pensamento puro para compreender a si mesmo, ao outro e a realidade que nos cerca, faz-se necessário compreender os sentidos atribuídos aos significados, pois os sentidos parecem ser mobilizados pelos aspectos afeto-volitivos do indivíduo.

De acordo com Vygotski (2001, p. 342), o pensamento é posto em movimento pela trama afetivo-volitiva.

Se compararmos anteriormente o pensamento com a nuvem que lança uma chuva de palavras, deveríamos comparar a motivação de pensamento, continuando a metáfora, com o vento que põe em movimento as nuvens. A compreensão real e completa do pensamento alheio só resulta possível quando descobrimos a trama afetivo-volitiva oculta por trás dele.

Para conhecer o outro, além da apropriação de uma mesma linguagem verbal e do estabelecimento de um sujeito que Vygotski chama de temático, é imprescindível que os interlocutores estejam motivados ao diálogo. Como a emoção move o pensamento da linguagem interna até sua expressão por meio da linguagem externa,

[...] para compreender a linguagem alheia nunca é suficiente compreender as palavras, é necessário compreender o pensamento do interlocutor. Porém incluindo a compreensão do pensamento, se não alcança o motivo, a causa da expressão do pensamento, é uma compreensão incompleta. Da mesma forma, na análise psicológica de qualquer expressão só está completa quando descobrimos o plano interno mais profundo e mais oculto do pensamento verbal, sua motivação. (VYGOTSKI, 2001, p. 343).

Nesse sentido, entendemos mais uma vez a metáfora utilizada por Vygotski, que se o pensamento é uma nuvem que chove palavras, a emoção é o vento que move a nuvem. Sem a emoção o indivíduo não pensaria e sem pensamento ele não agiria. Da mesma forma, sem agir ele não se modifica e nem modifica o seu meio. Em resumo, sem emoção não há desenvolvimento interpsíquico e intrapsíquico. Sem emoção não há pensamento e sem pensamento não há o que se materializar na palavra.

À guisa de uma conclusão

Como base no desenvolvimento histórico-cultural dos indivíduos e nos processos que se dão nesse movimento, Vygotski aponta que o vínculo entre pensamento e palavra não é algo já formado e constante, surge e se modifica no desenvolvimento da criança.

Para o autor, a velha psicologia não levava em consideração a influência da cultura no desenvolvimento de pensamento e da fala. Seus estudos constituem uma teoria

histórica da linguagem que possibilita compreender um problema tão complexo e

transcendente como é o da linguagem verbal. Nessa perspectiva, suas investigações

apontam que a relação entre pensamento e fala é um processo vivo, pois uma palavra sem

pensamento é uma palavra morta.

Quanto às perspectivas abertas por essa investigação, a característica fundamental

da palavra em relação ao objeto é uma reflexão generalizada da realidade. Essa questão nos

leva a um tema mais amplo e mais profundo – o problema geral da consciência, pois o

pensamento dispõe de ferramentas para refletir a realidade na consciência do indivíduo.

Para Vygotski, pensamento e linguagem são a chave que pode desvendar os segredos da

natureza da consciência do homem.

A análise da concepção de linguagem em *Pensamento e palavra* de Vygotski mostra

que a linguagem verbal ocupa papel central no desenvolvimento infantil, pois a palavra é o

"microcosmo da consciência humana".

Referências bibliográficas

PIAGET, J. A. Formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e

representação. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

VYGOTSKI, L. S. Obras Escogidas. v. II. Madrid: Visor Distribuciones, S.A. 2001.

ⁱ Ana Maria Esteves Bortolanza

Docente da Universidade de Uberaba - UNIUBE

Doutorado em Educação (UNESP)

Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas Infância e Contextos Educativos

E-mail: amebortolanza@uol.com.br

Agradecimentos ao CNPq pelo apoio financeiro ao projeto "A formação da atitude autora e leitora no processo de

apropriação da escrita na educação infantil".